

**DA SOMBRA DOS GABINETES AOS HOLOFOTES DO ESPETÁCULO:  
AS CELEBRAÇÕES EM TORNO DA ESCRITORA LYA LUFT E DE SUA OBRA**

**Vanessa Moro KUKUL**

**Feira das Vaidades.** Um acontecimento. Uma celebração. E uma arena na qual disputas de poder entre editoras são mais ruidosas do que as discussões em torno dos atuais rumos do romance e da poesia. Assim foi a segunda edição da Festa Literária Internacional de Parati (Flip), que serviu para expor ao leitor não apenas a palavra de alguns dos mais importantes autores da ficção contemporânea, mas, ainda, um evidente mal-estar na relação entre editores, governo e escritores. Reclamações públicas, uma carta aberta contra o evento, sucesso e uma cobertura de celebridades realizada pela mídia ajudaram a compor um instante de choque da história editorial brasileira. Uma feira literária que parece, de início, ser um pequeno show.<sup>1</sup>

**Feira das Vaidades.** Eis o título da matéria escrita por Graziella Beting, na revista *Cult* (ago.2004), acerca da segunda edição da Festa Literária Internacional de Parati (realizada de 7 a 11 de julho). O título parece-nos, assim como o início da matéria (transcrito acima), exemplar no que se refere à situação do mercado editorial brasileiro. O evento contou com cerca de 12 mil visitantes, badalações em torno de alguns escritores (os selecionados) e disputas editoriais.

Esse tipo de evento, assim como as colunas, as resenhas, os comentários, as notas, as “listas dos livros mais vendidos”, os programas em rádio e TV, cumprem a função de orientar o público nesse “labirinto bibliográfico”, conforme Tânia Pellegrini. Não se trata de promover um evento com o intuito de vender livros (pelo menos não imediatamente), mas de badalar as imagens dos escritores, afinal “não se pode mais afirmar que o interesse do leitor é inicialmente pela obra”<sup>2</sup>, e, sim, pelas imagens dos escritores. As listas dos mais vendidos, por exemplo, constituem-se como uma *marca literária*<sup>3</sup> que

funciona como garantia; conquista a confiança como um produto que se consegue impor, bom-bril, gilette, danone, paulo-coelho ou rubem-fonseca: “mais um Rubem Fonseca”, “o novo Paulo Coelho”, em que o termo “novo” pode não significar *necessariamente* novidade, apenas “mais um”... Por trás da “marca”, a figura do escritor, sua imagem pública, pela qual o leitor sempre nutre curiosidade.<sup>4</sup>

O interesse pelo escritor em detrimento da obra é notável em nossa época. Basta pensarmos na (atual) celebração em torno da escritora Lya Luft. Como o título deste estudo

sugere, Lya Luft saiu da condição de tradutora e escritora pouco conhecida para fazer parte do espetáculo.<sup>5</sup>

Alguns leitores desavisados falam da escritora como alguém que iniciou sua carreira literária com a obra *Perdas e Ganhos* (2003), outros se surpreendem ao saber que, em 1987, *Exílio* – um romance luftiano – fazia parte do quadro das obras mais vendidas do Brasil. A entrada e a não permanência de sua obra *Exílio* na lista dos mais vendidos, são uma evidência: os seus últimos livros (que em estudo anterior chamei de ensaios) agradam o leitor.

Desvinculando-se do mundo narrado para comentá-lo<sup>6</sup>, Lya Luft agrada o leitor, principalmente porque fala intimamente com ele. As palavras do crítico Antonio Olimpo, a respeito do livro *Perdas e Ganhos*, confirmam essa afirmação: “escrito, aparentemente, na primeira pessoa, revela-se como de abrangência maior, porque sua primeira pessoa é a do plural. Não se restringe ao ‘eu’; busca o ‘nós’. Lya Luft não se dirige ao leitor em seu nome. Na realidade, ela fala por nós”.<sup>7</sup>

Chamada a explicar as suas obras, a dar dicas acerca da “arte de viver”, em entrevistas principalmente, seus depoimentos adquirem um papel de destaque na divulgação de seu trabalho: ao se comunicar com o grande público, vincula suas obras à sua imagem de mulher segura e confiável que conversa intimamente com o leitor.

O sucesso com o grande público e as incertezas quanto ao gênero a que pertencem suas últimas obras fazem com que a questionem sobre que tipo de literatura é a sua. Resposta que em certos momentos ela afirma ser tarefa dos estudiosos e, em outros, assume para si. Tânia Pellegrini afirma que nunca a imagem do escritor foi tão importante. Nesse contexto, “proliferam as ‘entrevistas literárias’ que versam sobre política nacional, pratos preferidos, manias secretas, concepções artísticas e opiniões sobre o próprio trabalho, sempre ilustradas com fotografias”.<sup>8</sup> De acordo com a crítica, **essa é a literatura em tempo de espetáculo**.

Para viver de sua pena, Lya Luft participa do espetáculo. Segundo Guy Debord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”<sup>9</sup>. A imagem da escritora é veiculada pela imprensa, substituindo a própria obra. Mas a escritora, percebendo seu prestígio, assume o papel de porta-voz da própria obra. Mas o que significa, na contemporaneidade, viver da própria pena?

“Viver da pena” significa, para o escritor contemporâneo, muitas vezes enveredar por estratégias de divulgação, de promoção e de vendas do objeto-livro antes sequer imaginadas, quando, colocado o ponto final, ele se separava do texto e o entregava para publicação. Hoje, ao longo de tardes e noites de autógrafos, muitas vezes em viagens pelo interior do país, ele enfrenta verdadeiras maratonas de entrevistas e palestras em busca de um público já tradicionalmente arredio. A essas promoções de divulgação não falta inclusive, muitas vezes, patrocínio internacional.<sup>10</sup>

Ou seja, o passeio dos escritores pelas ruas da cidade de Parati, no evento Flip, dando autógrafos, não é apenas um passeio, é uma imagem que alimenta o mercado editorial. Seguimos o rastro da escritora, procurando alguns exemplos da celebração de sua imagem pública. Vamos a eles:

- 1) Lya Luft é uma das integrantes do comitê de apoio (junto com Lygia Fagundes Telles) do Projeto 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz 2005.<sup>11</sup>
- 2) Recebeu o prêmio (considerado já por muitos como o Nobel brasileiro) concedido pela Fundação Conrado Wessel como uma das escritoras que apresenta qualidade e excelência nos seus trabalhos.<sup>12</sup>
- 3) No lançamento do Projeto “São Paulo em Versos Femininos,” no Dia Internacional da Mulher (8 de março), a escritora foi homenageada. “A prefeita Marta Suplicy e a Coordenadoria da Mulher promoveram a leitura de poemas de Lya Luft nas vozes de Eva Vilma e Leona Cavalli”.<sup>13</sup>
- 4) Foi eleita como um dos vinte gaúchos mais importantes do século XX, em promoção da RBS TV.<sup>14</sup>
- 5) Está na lista dos livros mais vendidos da revista *Veja*, com a obra *Perdas e Ganhos*, há 61 semanas consecutivas (ocupando atualmente o quarto lugar da referida lista). No caso da obra *Pensar é transgredir* (2004), está há 29 semanas consecutivas e ocupa a sétima posição.
- 6) Participou de entrevista no programa *Mais Você* (exibido pela Rede Globo), no dia 8 de março de 2004, e no *Observatório da Imprensa na TV* (27 jul. 2004).
- 7) Foi entrevistada pela revista *Veja* (edições de 30 jul. 2003 e 3 mar. 2004) e pela revista *Cláudia* (nov. 2003 a fev.2004), pela *Gazeta do Povo – Caderno G* – de 15 de setembro de 2003;
- 8) Escreve, atualmente, uma coluna quinzenal na revista *Veja* – uma das mais lidas e comentadas colunas do referido periódico.

No âmbito acadêmico, conforme Lajolo e Zilberman, dentro da tradição dos estudos literários, “não é de bom tom misturar questões de dinheiro com literatura, apagando-se o

caráter econômico das atividades culturais”.<sup>15</sup> Por conta desta “negligência”, sedimenta-se a noção de incompatibilidade entre o aspecto material da literatura e sua dimensão propriamente estética. Ironizando esta questão, João Ubaldo Ribeiro escreveu:

Escrever, compor, pintar, atuar, nada disso é trabalho, é o exercício lúdico, revigorante, glamouroso, e sublime de um dom artístico. [...] O sujeito senta, sintoniza suas antenas privilegiadas com as musas e, como quem apenas respira, ou pratica qualquer ato destituído de esforço, produz a obra de arte. Ela já traz em si a sua própria recompensa e o artista, esse escolhido da fortuna, não precisa mais nada para sobreviver.

Por conseguinte o artista não pode pensar em dinheiro. Se pensa, não passa de uma prostituta, um embusteiro que vende seu duvidoso talento para manter-se, sustentar a família ou até, segundo o que parece ser, no ver geral, o destino da maioria, ficar rico zilionário.<sup>16</sup>

O escritor inquirido a explicar qual seu lugar na complexa rede de elementos que compõe o mercado editorial, questionado a respeito da gradativa perda da “aura” antes indissociável do ofício do artista, assistindo o seu “julgamento” pessoal, e, posteriormente, de sua produção pelos críticos, forçosamente deixa seu gabinete e participa do espetáculo, por ser essa uma das exigências para que ele consiga um espaço que garanta, antes de tudo, sua sobrevivência.

Especificidades à parte, estas incursões em busca da profissionalização do escritor podem ser visualizadas, no Brasil, a partir de fins do século XIX e início do XX. Monteiro Lobato, por exemplo, “foi o maior *best-seller* de 1937, com 1,2 milhão de exemplares de livros e traduções sob sua responsabilidade, ou seja, mais de metade dos 2,3 milhões de exemplares impressos pela Companhia Editora Nacional e sua sucursal, a Editora Civilização Brasileira”.<sup>17</sup>

É preciso um olhar mais cuidadoso no que se refere às relações entre o sucesso editorial, por vezes estrondoso, de certos títulos, e o processo criativo dos autores; os pré-julgamentos erigidos a partir do “senso comum” – das “listas dos mais vendidos” – não devem ser, ao menos para os estudiosos da literatura, tratados como verdades absolutas, ou tomados como instrumento de valoração das obras (se vende, então não é bom ou o contrário).

Em meio a esta turbulência, acompanhamos a trajetória de Lya Luft, ora celebrada, ora duramente criticada, e optamos por uma atitude de reflexão frente aos seus textos, por acreditarmos que o objetivo final da crítica não é a aprovação ou a promoção das obras,<sup>18</sup> mas o estudo da criação, do engenho, do mecanismo, da maneira.

**Notas**

- 
- <sup>1</sup> *Revista Cult.* Editora Bregantini. Ano VII. Número 83. Agosto/2004. (BETING, Graziella. *Feira das Vaidades*. p. 12).
- <sup>2</sup> PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a Letra*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 156.
- <sup>3</sup> Pellegrini empresta o termo de Angel Rama.
- <sup>4</sup> PELLEGRINI, op. cit., p. 173.
- <sup>5</sup> Entendemos o gabinete como símbolo da condição do escritor/tradutor que trabalha solitariamente e é desconhecido.
- <sup>6</sup> Obras comentadas (ensaios): “*O Rio do Meio*” (1996) ; “*Perdas e Ganhos*” (2003); “*Pensar é transgredir*” (2004)
- <sup>7</sup> OLINTO, Antonio. Presença de Lya. *Tribuna da Imprensa Online*. Rio de Janeiro. Seção Estante. Disponível em: <<http://www.tribuna.inf.br/anteriores/2004/junho/01/bis.asp?bis=estante>>. Acesso em: 23/09/04.
- <sup>8</sup> PELLEGRINI, op. cit., p. 173.
- <sup>9</sup> DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 14.
- <sup>10</sup> Idem, *ibid.*, p. 173-4
- <sup>11</sup> *Rede Mulher de Educação*. Edição nº 55. Jan./Mar. 2004. Disponível em: <<http://www.redemulher.org.br/cunha55.htm>>. Acesso em: 21/08/04.
- <sup>12</sup> “O júri é composto por membros da Academia Brasileira de Letras, CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), representantes dos Ministérios da Cultura, Saúde, Agricultura, Meio Ambiente, Marinha e da Secretaria da Pesca.” COSCARELLI, Crislaine. Valorização Nacional. *Universia Brasil*. Rio de Janeiro. Publicado em 21/06/2004 às 2h. Seção Pesquisa em destaque. Disponível em: <[http://www.universiabrasil.net/pesquisa\\_bibliotecas/materia.jsp?id=4361](http://www.universiabrasil.net/pesquisa_bibliotecas/materia.jsp?id=4361)>. Acesso em: 21/08/04.
- <sup>13</sup> MOURA, Homero Sergio. Homenagem a Lya Luft. *Literatura OnLine* (São Paulo em versos femininos). Disponível em: <<http://www.literaturaonline.com.br>> Acesso em: 21/08/04.
- <sup>14</sup> Os 20 gaúchos do século. *Reproduzido de Zero Hora Digital*. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~juliano/textos/os20.htm>>. Acesso em: 09/03/04.
- <sup>15</sup> LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001, p. 71.
- <sup>16</sup> RIBEIRO, João Ubaldo. “De olho no mercado”. *Caderno 2. O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 09/01/00, p. 2 apud LAJOLO; ZILBERMAN (2001), op. cit., p. 19.
- <sup>17</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 146.
- <sup>18</sup> Cf. BARBOSA, F. NOGUEIRA, C.F. “Que crítica?”. *Caderno “Mais”, Folha de S. Paulo*, 24/02/92 apud PINTO, Júlio P. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 22.